



SEÇÃO: ENSAIOS

Entre a realidade e o absurdo: uma análise literária sobre os apontamentos críticos de *As Intermitências da Morte*, de José Saramago

Between reality and absurd: a literary analysis of the critical notes of Death with interruptions by José Saramago

Natália Kanashiro de
Medeiros¹

orcid.org/0000-0002-8660-5427
naakanashiro@gmail.com

Recebido em: 16 mar. 2022.

Aprovado em: 4 abr. 2022.

Publicado em: 11 jul. 2022.

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar alguns aspectos críticos, representados por meio do topos do mundo às avessas, em *As intermitências da morte*, de José Saramago. A narrativa do romance apresenta um fato inusitado: o desaparecimento da morte. Diante deste acontecimento absurdo, as personagens apresentam um estado enérgico e eufórico com a perspectiva de viverem na eternidade, entretanto, é neste momento que as expectativas narradas na obra são fraturadas, visto que se depararam com a continuidade dos aspectos problemáticos inerentes ao ser humano: a velhice, a doença, a omissão das instituições e, por último, o caráter narcísico do homem. Em consideração a isso, a realização da análise literária deste estudo foi subsidiada pelo diálogo teórico com os autores: Ariès (2012), Becker (1973), Bloom (2005), Berman (1986), Berrini (1998), Calbucci (1999), Gerth (1977), Hodgart (1969), Huizinga (2015) e Soethe (1998). Em suma, a investigação deste estudo sugere como resultado a utilização de recursos particularmente expressivos, como o mundo às avessas, para os comentários críticos na construção da narrativa saramaguiana, com vistas a realizar denúncias sociais.

Palavras-chave: José Saramago. *As Intermitências da Morte*. Mundo às avessas. Crítica Social.

Abstract: This article aims to identify some critical aspects, represented through the inverted *topos* of the world, in *Death with interruptions* by José Saramago. The narrative of the novel presents an unusual fact: the disappearance of death. Faced with this absurd event, the characters present an energetic and euphoric state with the prospect of living in eternity, however, it is at this moment that the expectations narrated in the work are fractured, since they faced the continuity of the problematic aspects inherent to the human being: old age, illness, the omission of institutions and, finally, the narcissistic character of man. In consideration of this, for the accomplishment of the literary analysis of this study it was subsidized by the theoretical dialogue with the authors: Ariès (2012), Becker (1973), Bloom (2005), Berman (1986), Berrini (1998), Calbucci (1999), Hodgart (1969), Huizinga (2015) and Soethe (1998). In short, the investigation of this study suggests as a result the use of particularly expressive resources, such as the world upside down, for critical comments in the construction of the saramaguian narrative, with a view to carrying out social complaints.

Keywords: José Saramago. *Death with interruptions*. World upside down. Social criticism.

Introdução

O romance *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago, apresenta a história de um país – desconhecido – cuja população, su-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/ FCL de Assis), Assis, SP, Brasil.

bitamente, tornou-se imortal. A suspensão da morte criou um ambiente de grande expectativa e curiosidade nos habitantes do país, pois foram encantados pelo fascínio deste acontecimento incomum, no entanto, os rumos propostos pelo narrador contrariam as perspectivas das personagens, sendo apresentado um espaço tenso e descontrolado em razão da ausência da morte. No excerto abaixo, o narrador descreve o frenesi das mídias com suas publicações e, a partir desse fragmento, é possível considerar o percurso do romance com posicionamento questionador e reflexivo em relação ao comportamento das personagens diante da figura da morte:

É um autêntico mistério que, tendo havido tantos acidentes na estrada, não haja ao menos um morto para exemplo. O boato, cuja fonte primigénia nunca foi descoberta, sem que, por outro lado, à luz do que viria a suceder depois, isso importasse muito, não tardou a chegar aos jornais, à rádio e à televisão, e fez espevitar imediatamente as orelhas a diretores, adjuntos e chefes de redacção, pessoas não só preparadas para farejar à distância os grandes acontecimentos da história do mundo como treinadas no sentido de os tornar maiores sempre que tal convenha (SARAMAGO, 2005, p. 13).

A excitação e a apreensão da população acerca do desaparecimento da morte aumentavam pelo fato de ainda não haver posicionamento opinativo das instituições – o Estado e a Igreja Católica. Posto isso, o romance apresenta uma visão crítica sobre os papéis das instituições em relação à população, por sua omissão e ausência de ética no que respeita aos esclarecimentos sobre a insólita ocorrência. Com isso, a iminência do avanço da crise político-social, ocasionado pela vida eterna, torna a população cada vez mais angustiada. A omissão de posicionamento político do governo e sua incapacidade para reorganizar o funcionamento social permitem que a narrativa apresente situações em que o desaparecimento da morte ocasiona conflitos micro e macrosociais no cenário representado.

A negligência do estado em *As intermitências da morte*

No romance *As intermitências da morte* algu-

mas críticas demonstram as posições do Estado sobre o desaparecimento da morte, bem como sobre as atitudes insuficientes tomadas pelos governantes para lidar com a crise social no país. O primeiro impasse foram as superlotações de hospitais e asilos, pois com o surgimento da eternidade, as alas hospitalares ficaram abarrotadas pelas altas demandas de enfermos, enquanto os asilos sobrecarregaram-se, pelo motivo principal de os familiares se ausentarem dos cuidados necessários com os idosos:

Também os diretores e administradores dos hospitais, tanto do estado como privados, não tardaram muito a ir bater à porta do ministério da tutela, o da saúde, para expressar junto dos serviços competentes as suas inquietações e os seus anseios, os quais, por estranho que pareça, quase sempre revelavam mais de questões logísticas que propriamente sanitárias. Afirmavam eles que o corrente processo rotativo de enfermos entrados, enfermos curados e enfermos mortos havia sofrido, por assim dizer, um curto-circuito ou, se quisermos falar em termos menos técnicos, um engarrafamento como os dos automóveis, o qual tinha a sua causa na permanência indefinida de um número cada vez maior de internados que, pela gravidade das doenças ou dos acidentes de que haviam sido vítimas, já teriam, em situação normal, passado à outra vida (SARAMAGO, 2005, p. 27-28).

A partir deste excerto é possível verificar o estado de calamidade social representado na narrativa. O auxílio demandado pelos profissionais da saúde ao Estado, no entanto, não foi considerado como algo prioritário, dado que a indicação do governo foi o reenvio dos pacientes – ainda enfermos – para o cuidado dos seus familiares. Nesse quadro, é identificável a falha no papel do Estado em conceder recursos necessários à saúde da população. Tal fato é ironizado pelo narrador ao revelar o comentário contraditório do ministro que considerou que a sobrecarga dos hospitais com os enfermos de morte suspensa prejudicava o “excelente funcionamento do nosso sistema hospitalar” (SARAMAGO, 2005, p. 28). Tal comentário contrapõe a “perfeição” do sistema, que, condicionada à baixa requisição, naufraga diante da situação de crise sanitária instalada no país. O narrador sublinha a evidente incapacidade do Estado para comprometer-se com o

bem-estar da população.

Por meio de situações tais, as considerações do narrador sublinham, nas posições do Estado, um caráter de descarte e irrelevância diante do sofrimento e da angústia vivenciados pelas personagens. Berman (1986), citando Marx, afirma que o capitalismo e a burguesia convertem o sagrado em profano, realizando a total dessacralização de valores éticos e de vivências desmerecidos pelo sistema capitalista:

De vários modos, Marx sabe que isso é assustador: homens e mulheres modernos podem muito bem ser levados ao nada, carentes de qualquer sentimento de respeito que os detenha; livres de medos e temores, estão livres para atropelar qualquer um em seu caminho, se os interesses imediatos assim o determinarem (BERMAN, 1986, p. 112).

Em *As intermitências da morte* é representado o cenário de dessacralização da condição humana, submissa aos valores burocráticos impostos pelo Estado, de forma que a responsabilidade sobre as condições adversas ocasionadas pela ausência da morte é atribuída aos cidadãos do país. A partir disso, pode-se concluir que José Saramago assimila as questões mais íntimas do indivíduo por meio de um olhar macrosocial, visto que o motivo disparador para tais acontecimentos é o medo da morte contemporâneo. No momento que a morte atende o desejo das personagens e desaparece, ampliam-se problemas sociais latentes e, conseqüentemente, seus severos desdobramentos começam a emergir na narrativa. Sendo assim, o romance opera de modo a desdobrar uma pequena, mas importante reflexão: a morte nunca foi o problema na vivência do homem.

O verdadeiro transtorno apontado pelo romance é o meio social e as suas interações, que subestimam a existência humana, minimizando-a, graças à busca das sensações de harmonia, felicidade e prazer que, propostas pelo velho ideal burguês, encontram-se ampliadas nos dias de consumo frenético vividos pela humanidade. Neste momento, as forças se desequilibram e a intolerância com a figura morte surge aos homens, pelo motivo de observarem-na como

momento de ruptura dos prazeres da vida. A narrativa de Saramago apresenta o mundo às avessas para que os leitores possam visualizar os absurdos existentes na busca idealizada feita pelo homem contemporâneo.

Com a presença da eternidade, alguns indivíduos sofreram imediatamente as conseqüências nefastas de não conseguirem superar a própria enfermidade em virtude da ausência da morte:

Numa aldeia qualquer, a poucos quilómetros da fronteira com um dos países limítrofes, havia uma família de camponeses pobres que tinha, por mal dos seus pecados, não um parente, mas dois, em estado de vida suspensa ou, como eles preferiam dizer, de morte parada. Um deles era um avô daqueles à antiga usança, um rijo patriarca que a doença havia reduzido a um mísero farrapo, ainda que não lhe tivesse feito perder por completo o uso da fala. O outro era uma criança de poucos meses a quem não tinham tido tempo de ensinar nem a palavra vida nem a palavra morte e a quem a morte real recusava dar-se a conhecer, não estavam vivos, o médico rural que os visitava uma vez por semana dizia que já nada podia fazer por eles nem contra eles, nem sequer injectar-lhes, a um e a outro, uma boa droga letal, daquelas que não há muito tempo teriam a solução radical para qualquer problema (SARAMAGO, 2005, p. 38-39).

No excerto anterior, o narrador relatou o triste episódio de uma família, em que um idoso e uma criança, irreversivelmente doentes, deveriam, a pedido do idoso, realizar a travessia das fronteiras do país na tentativa de buscar a morte, pois a morte estava suspensa apenas no território que habitavam, enquanto outros países continuavam na ordem natural. Os familiares, no entanto, apresentam uma postura defensiva frente ao pedido, mas o idoso reforça a dor angustiante de viver em um estado perpétuo de enfermidade e, no diálogo com sua filha, sublinha: "desde que o mundo começou a ser mundo sempre houve uma hora e um lugar para morrer" (SARAMAGO, 2005, p. 39).

O idoso reivindica o direito à morte como algo legítimo e incontestável e, graças aos argumentos apresentados por ele, os familiares concordam que a sua permanência no estado eterno da vida seria dolorosa. Em razão disso, a família realiza a travessia e, ao passar para outro território, perce-

be que o idoso e a criança faleceram. Com isso, o processo de sepultamento e luto tem início:

Então o homem curvou-se, tomou a criança do chão, deitou-a de braços sobre o peito do avô, depois os braços deste foram cruzados sobre o corpinho minúsculo, agora sim, já estão acomodados, preparados para o seu descanso, podemos começar a lançar-lhes a terra para cima, com jeito, pouco a pouco, para que ainda possam olhar-nos por algum tempo mais, para que possam despedir-se de nós, ouçamos o que estão dizendo, adeus minhas filhas, adeus meu genro, adeus meus tios, adeus minha mãe (SARAMAGO, 2005, p. 44).

Essa sequência do romance permite refletir sobre o avanço da modernidade sobre os aspectos da tradição suprimidos pela sanitização e desenvolvimento da medicina. Em consequência do atual caráter hospitalar da morte, é cada vez menos frequente que os ritos da morte ocorram em cenário de convívio familiar. O fragmento antes citado constrói-se como tentativa de reaproximação da morte com o círculo familiar e nele é observável a necessidade de vivenciar o processo de luto para que o indivíduo se torne menos angustiado ao aceitar a ausência, pois é evidente que a família do idoso e da criança precisaram aceitar a morte para compreender a finitude do indivíduo.

Ariès (2012) observa que o distanciamento, imposto pela modernidade, entre o homem e a morte tem consequências lastimáveis, pois para o homem moderno: "quanto mais se avança no tempo e se ascende na escala social e urbana, mais o próprio homem sente a sua morte próxima" (ARIÈS, 2012, p. 216). Para o autor, a presença e a noção da figura da morte eram habituais para os indivíduos dos séculos passados, de modo que o preparo para o luto e a aceitação da finitude eram mais assentes, porque a figura da morte nos séculos passados era prevista, de forma que, ao chegar o momento de morrer, era costume promover cerimônias para sacralizar e velar o corpo morto. Em contrapartida, Ariès afirma:

Hoje em dia não há mais resquícios, nem de noção que cada um tem ou deve ter de que seu fim está próximo, nem do caráter de solenidade pública que tinha o momento da morte. O que devia ser conhecido é, a partir

de então, dissimulado. O que devia ser solene, escamoteado. É tácito que o primeiro dever da família e do médico é o de dissimular a um doente condenado a gravidade do seu estado. O doente não deve saber nunca (salvo em casos excepcionais) que seu fim se aproxima. O novo costume exige que ele morra na ignorância de sua morte (ARIÈS, 2012, p. 219).

Acreditamos ser esse absenteísmo em relação à morte o ponto central da crítica promovida na narrativa em análise, centrada em representar os níveis intoleráveis de angústia gerados pela supressão da morte.

Para atingir esse ponto crítico, o narrador lançou mão o *topos* do mundo às avessas. Tal recurso é bastante utilizado por satiristas na tentativa de produzir algo cômico por meio de um cenário absurdo. De acordo com Soethe: "A construção do mundo às avessas é apenas um entre os recursos presentes na tradição da literatura satírica" (SOETHE, 1998, p. 15) e representa uma visão sobre a realidade comum em um ângulo distorcido e composto por cenários fantásticos e absurdos. O narrador apenas narra desdobramentos possíveis de uma situação vivenciada pelo homem que deseja banir a morte, mas destacando os efeitos desastrosos de uma hipotética eternidade. O narrador saramaguiano em análise expressa por meio da Literatura uma visada criativa e crítica da relação humana com a morte, em sintonia com muitos pontos levantados pelo Ariès (2012), que apresenta considerações históricas e sociais para refletir sobre o vínculo entre homem e finitude. Por ser assim, o romance em pauta denuncia pontos críticos do indivíduo e da sociedade contemporânea por meio do absurdo de um desejo de eternidade que, atendido, traz mais danação que libertação.

A indiferença como elemento do absurdo em *As intermitências da morte*

Após a travessia da fronteira, quando finalmente puderam morrer o idoso e a criança, surge um imprevisto neste núcleo de personagens. Ao retornarem, a vizinhança intrigou-se com a ausência dos doentes da casa. Diante das suspeitas, o genro da família decidiu se entregar às

autoridades e assumir a responsabilidade pela "morte" dos seus familiares. Ao se deparar com o caso inusitado, a polícia decidiu averiguar a situação e concluiu que a punição e a condenação seriam indevidas neste caso, entretanto, tal atitude dividiu opiniões dos cidadãos sobre qual procedimento seria o "mais ético":

Tenho um pedido a fazer-te, disse o genro, Qual, Que me acompanhes à policia, assim não terás tu que ir de porta em porta, por aí, a contar às pessoas os horríveis crimes que cometemos, imagine-se parricidio, infanticidio, santo deus, que monstros vivem nesta casa, Não o contaria dessa maneira, Bem sei, acompanhas-me. Quando, Agora mesmo, o ferro deve bater-se enquanto está quente, Vamos. Não foram nem condenados nem julgados. Como um rastilho, a notícia correu veloz por todo o país (SARAMAGO, 2005, p. 47).

As discussões levantadas pelo caso giravam em torno da "ingratidão" de alguns cidadãos em relação à vantagem de serem imortais ao comparar-se com outras pessoas. A discussão sobre a travessia para a morte alcançou o nível institucional e todos se puseram a opinar sobre ela. Nesse episódio da narrativa saramaguiana, as opiniões se multiplicam em perfeita consonância com comportamentos repreensíveis verificáveis na sociedade e, menos que debate, produz-se um tumulto de vozes frequentemente condenatórias dos que aceitam a finitude.

De acordo com Becker (1973), negar a morte caracteriza um fenômeno na qual o indivíduo protege-se da iminência da morte através do recalque, de maneira que, ao rejeitá-la, constrói uma estratégia de defesa para lidar com a angústia da absoluta consciência da própria finitude:

A repressão toma conta do símbolo complexo da morte, na maioria das pessoas. Mas o seu desaparecimento não significa que o medo nunca esteve presente. O argumento daqueles que acreditam na universalidade do terror inato da morte baseia-se, em sua maioria, naquilo que sabemos sobre o quanto a repressão é eficiente (BECKER, 1973, p. 33).

O romance *As intermitências da morte*, em algumas ocasiões, aborda a privação de autonomia que a sociedade impõe ao doente diante da aproximação da morte. O direito de escolha e

consciência sobre a morte é retirado do doente, em uma tentativa de dissuadi-lo por meio de argumentações com apelos emocionais – culpabiliza-se o doente por sua "desistência" da vida. O romance de Saramago em análise expõe a face decadente da repressão ao lidar com a finitude, pois ao impedir a forma natural da vivência dos homens, a eternidade desfaz o equilíbrio nas relações entre os indivíduos. Com isso, a narrativa propõe um debate sobre a questão: por que aceitar a morte é um processo árduo e doloroso?

Em consideração a esse questionamento, Huizinga (2015) afirma a importância do papel da morte na constituição da vivência do homem, em que o pranto, a dor e o luto no processo da perda deixam transparecer a relevância do morto. Sendo assim, reconhecer o processo de luto é valorizar a existência do outro, seja em vida ou em morte.

Segundo o historiador holandês, a morte era recorrente e o luto era visualizado como algo nobre em épocas passadas:

O pranto era algo edificante e belo. De resto, quem de nós desconhece a comoção que um cortejo pode causar, por mais que o príncipe em questão nos deixe de todo indiferentes? Mas outrora uma tal emoção conjugava-se ao sentimento quase religioso de veneração pelo aparato e pela grandeza, provocando lágrimas sinceras (HUIZINGA, 2015, p. 19).

Posto isto, a narrativa de *As intermitências da morte* proporciona, com seus cenários e comportamentos absurdos, reflexões sobre as condutas viciosas da sociedade. O que instigou a criticidade de José Saramago na construção da narrativa foi uma pergunta fundamental: e se não houvesse a morte? Ao elaborar literariamente esse questionamento, a forma saramaguiana emerge em sua intensidade criativa e capacidade crítica, graças ao olhar narrativo transgressor, capaz de superar os limites do senso comum e de descobrir os recalques sociais contemporâneos.

José Saramago e o absurdo

A partir dos excertos do romance – que apontam criticamente para a relação entre o homem, o Estado e a morte – foi possível verificar que em *As intermitências da morte* há uma representa-

ção artística da moderna recusa à finitude como processo constitutivo da vivência do indivíduo. É possível verificar ainda que, nessa representação saramaguiana, a construção dos cenários e a apresentação das personagens se distingue em relação aos outros romances do autor.

Alguns dos romances de José Saramago, como *A jangada de Pedra e Ensaio sobre a cegueira*, apresentam um núcleo de personagens definido. Em *As intermitências da Morte* as personagens, em sua maioria, são mais difusas, construídas com traços minimalistas, para permitir a agilidade necessária às mudanças constantes de situações e cenários. Esse procedimento entrelaça a forma da narrativa intimamente com o tema escolhido, visto que a morte é um dado universal, uma vez que todos os homens são mortais.

De acordo com Calbucci (1999), José Saramago constrói a sua narrativa segundo os modelos dos romances modernos, desintegrando o tempo cronológico e dissolvendo a causalidade da razão. Esses elementos, observáveis em *As intermitências da morte*, revelam a preocupação do autor em desvincular a ficção do realismo mimético, pois Saramago buscava “um realismo artístico que não fosse um espelho fiel do mundo, mas sem uma visão estética do artista sobre a realidade, isto é, entre o exagero documental e objetivo do final do século passado e os excessos fantasiosos, por exemplo, do Surrealismo” (CALBUCCI, 1999, p. 22). Posto isto, é possível considerar que o fato de haver uma escritura que desvia da convencionalidade e do senso comum dialoga com um processo de escritura que apresenta manifestações satíricas, pois a sátira subverte o sentido real por meio do mundo às avessas.

Segundo Gerth:

Numa sátira dirigida, surge o autor ou narrador com comentários e diálogos valorativos com o leitor, que explicitam a sua intenção e “dirigem” desse modo o julgamento do leitor (por exemplo, em *Narrenschiiff — A nau dos insensatos*, de Brant). Na sátira não dirigida, apresenta-se aos olhos do leitor um mundo às avessas (sugerido

ironicamente) sem parâmetros pré-estabelecidos (*Dr. Murkes gesamteltes Schweigen — O silêncio reunido do Dr. Murk*). No primeiro caso, o autor impõe a deformação da ordem; no segundo, ele a exhibe. Porém, a sátira dirigida também necessita de uma camada estética do ficcional ou do fingimento — portanto da “forma indireta (GERTH, 1977, p. 5).

Gerth (1977) propõe a distinção entre a crítica direta e a indireta realizada pelo satirista contra o objeto zombado. Pode-se levantar a hipótese de que José Saramago constrói um narrador satírico que aponta indiretamente alguns absurdos da sociedade por meio da representação do comportamento das personagens em uma narrativa fantasiosa. O recurso do mundo às avessas e do realismo fantástico para compor as notas satíricas do romance em análise remetem também às considerações de Bloom (2005) que, ao analisar as obras de Saramago, considera os aspectos satírico-ficcionais dos cenários saramaguianos, assemelhando-os aos de autores como Voltaire, Swift e Samuel Butler.

Em sua análise, Bloom considera algumas manifestações satíricas na narrativa saramaguiana, destinadas a criticar por meio da ridicularização e repreensão dos costumes:

Pode ser tentador comparar essa conquista aos cenários ficcionais-satíricos de Voltaire, Swift ou Samuel Butler, mas como uma exploração do comportamento moral e político, o trabalho de Saramago não é uma polêmica com um alvo óbvio. A falta de uma mensagem especificável confere ao ensaio sobre a cegueira uma qualidade sugestiva mais rica (BLOOM, 2005, p. 121, tradução nossa).²

As considerações de Bloom reforçam, na narrativa saramaguiana, a força do riso ridicularizador, na sua composição evita o ataque direto e agressivo, de modo que os leitores sentem menos a agressividade que a gravidade das questões envolvidas. O narrador, assim, consegue comover os leitores, proporcionando-lhes sensações que podem ir das mais vigorosas às mais devastadoras.

Para Berrini:

² Do original: It may be tempting to liken this achievement to the fictional-satirical scenarios of Voltaire, Swift, or Samuel Butler, but as an exploration of moral and political behavior, Saramago's work is not a polemic with an obvious target. The lack of a specifiable message endows the essay on blindness with a richer suggestive quality.

Poderá o narrador, eventualmente, limitar-se aqui e ali ao límpido e objetivo olhar do observador, ou adoptar uma determinada perspectiva exclusiva e excludente, momentaneamente esquecido das demais possibilidades, ou, mesmo, será capaz de delegar a palavra a esta ou àquela personagem por alguns momentos. Na verdade, por sobre a narrativa que se vai desenvolvendo e caminhando para um remate, ou sob as múltiplas vozes que fervilham nos diversos textos, pausa ou subjaz sempre o espírito e o olhar do criado (BERRINI, 1998, p. 53-54).

O "olhar do observador" do narrador saramaguiano é destacado por Berrini. O domínio da arte narrativa caracterizou tanto as diferentes fases das obras de José Saramago, sendo continuamente reiterado por sua fortuna crítica que, na denominada "fase da pedra", em que se insere o romance em questão, as perspectivas das leituras não sejam reduzidas às ações de personagens historicamente localizadas, mas ampliadas para uma apreensão das pulsões humanas. Sobre esse ponto, Calbucci afirma: "Saramago promove uma verdadeira revolução nas relações humanas que vão ser pautadas pelos instintos desde os violentos e agressivos até os ternos e solidários" (CALBUCCI, 1999, p. 87). Posto isto, é possível que a experiência de leitura do romance *As intermitências da morte* não apresente a mesma intensidade densa de outros romances saramaguianos. A narrativa dos acontecimentos e as vozes das personagens momentaneamente imortais, entretanto, compõem um fundo de reflexão surpreendente sobre as consequências devastadoras de um mundo sem morte, iluminado por uma sátira tênue, mas ainda cortante.

Sendo assim, a inquietação do narrador e das personagens atinge o leitor que se dispõe a vivenciar, pela leitura, as situações narradas e, conseqüentemente, resulta em uma abertura para o pensamento crítico desse leitor, por meio daquela capacidade da narrativa saramaguiana que Berrini define como a "fascinação exercida pelo narrado em relação ao seu público, com quem mantém contacto direto e constante" (BERRINI, 1998, p. 56).

Considerações finais

José Saramago, graças a um trabalho artístico vigoroso para representar literariamente as questões do indivíduo e do coletivo em relação à finitude, dá vida nova ao velho tema da imortalidade, de maneira a propor um enfrentamento criativo e reflexivo com a natureza indispensável da mortalidade humana. *As intermitências da morte*, graças a seu motivo propulsor – uma alegoria contemporânea da morte – auxilia no processo de criticidade quando os leitores percebem que os costumes sociais das personagens são repreendidos com elegância, mas também com força, pelo discurso satírico do narrador.

Com a utilização do recurso satírico na voz do narrador é possível visualizar a zombaria realizada contra as personagens, logo, a tendência é originar uma tensão nos leitores que se deparam com os costumes sociais repreensíveis, de acordo com Berrini

os recursos pra provocar comicidade são vários. Nasce esta sempre do contraste, ou seja, da ruptura entre o significado latente, momentaneamente colocado entre parênteses, embora vivo na memória dos leitores, e o novo sentido que se instala surpreende, frustrando as expectativas (BERRINI, 1998, p. 72).

Desse modo, o cômico utilizado por José Saramago subverte os sentidos dos leitores quebrando-lhes a expectativa de que haverá algum acontecimento harmônico na sua narrativa.

A narrativa saramaguiana aqui analisada faz ver, a seus personagens e seus leitores, a necessidade do enfrentamento profundo e introspectivo da realidade e o quanto tal enfrentamento permite ao indivíduo deixar de ser excessivamente guiado por suas manias e vontades. No mundo saramaguiano não há espaço para posturas narcísicas, todos são nivelados no mesmo lugar pela morte. A posição assumida pelo narrador assemelha-se ao conceito de desnudamento proposto por Hodgart ao retratar o satirista. "O satirista tenta reduzir sua vítima privando-a de todo o seu apoio e classe social, dos quais as roupas são o exemplo mais simples: por trás das roupas brilhantes não há nada além de um simples mortal"

(HODGART, 1969, p. 118, tradução nossa).³ Diante dessa afirmação sobre como o satirista conduz sua criação, é possível considerar que a narrativa de *As intermitências da morte* adota um estilo satírico para criticar a insatisfação humana ante a finitude e seu desejo constante de superá-la. O riso e a zombaria tênue, em um mundo às avessas em que a morte deixou de matar, são as formas eficientes utilizadas pelo narrador para representar criticamente o lugar indispensável da "indesejada das gentes" na vida humana.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*: Da idade média aos nossos dias. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BECKER, Ernest. *A negação da morte*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Record, 1973.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: A aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 1. ed. São Paulo: Schwarcz, 1986.
- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago*: O Romance. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1998.
- BLOOM, Harold. *Bloom's modern critical reviews*: José Saramago. Chelsea House Publishers, 1986.
- CALBUCCI, Eduardo. *Saramago*: um roteiro para os romances. Cotia: Ateliê, 1999.
- GERTH, Klaus. Satire. Tradução de Aluizia Hanisch e Álvaro S. Simões Jr. *Praxis Deutsch*, [S. l.], v. 22. p. 83-86, 1977.
- HODGART, Matthew. *La Satira* [Satire]. Tradução de Angel Guillén. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.
- HUIZINGA, Johan. *O outono da idade média*. Tradução de Francis Petra Janssen. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a sátira*: contribuições da teoria alemã na década de 60. Fragmentos. *Revista de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina*, Florianópolis, v. 7, p. 7-27, 1988.

Natália Kanashiro de Medeiros

Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/ FCL de Assis), em Assis, SP, Brasil. Mestranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/FCL de Assis), em Assis, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Natália Kanashiro de Medeiros
Rua Antônio Negrizolo, 223
Vila Tênis Clube, 1980-310
Assis, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.

³ Do original: El satírico procura reducir a su víctima desposeyéndole de todos sus apoyos y classe social, de los que las vestimentas son el ejemplo más simple: detrás de las brillantes vestiduras no hay otra cosa que um simple mortal.